

**A ENTREVISTA NARRATIVA E O CONCEITO DE EXPERIÊNCIA:
SUPPORTES PARA PESQUISA EM EDUCAÇÃO**

The Narrative Interview and the Concept of Experience:
Support for Research in Education

Ivandilson Miranda Silva¹

Ana Paula Rodrigues²

Leandro Xavier Timóteo³

RESUMO

Este artigo apresenta o estudo sobre a importância da entrevista narrativa e do conceito de experiência para contribuir com o desenvolvimento e pesquisas em educação. O exemplo apresentado neste trabalho foi a pesquisa sobre a Universidade das Madres de la Plaza de Mayo como prática de educação popular na contemporaneidade na América Latina que se utilizou do método fenomenológico e da entrevista narrativa como um dispositivo de produção e análise de dados. Os resultados da pesquisa demonstraram que, a partir do cruzamento da experiência da Universidade Popular das Madres com as ideias de Paulo Freire e Enrique Dussel, podemos pensar/agir na perspectiva de uma educação e de uma universidade cada vez mais comprometida com o humanismo e a democracia. Nesse sentido, a entrevista narrativa e o conceito de experiência a partir de Walter Benjamin, Martin Jay, Jorge Larossa Bondia e José Contreras Domingo são fundamentais para pensar a pesquisa em educação valorizando tudo que pode ser experimentando, experiência, vivido.

¹. Doutor em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB), Mestre em Cultura e Sociedade pelo Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos pela Universidade Federal da Bahia - IHAC-UFBA, Especialista em Metodologia do Ensino, Pesquisa e Extensão em Educação Pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Professor de Graduação e Pós-Graduação.

². Diretora EaD Grupo Educacional FAVENI, Caratinga, Minas Gerais, Brasil. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6034763904727969>

³. Diretor Geral do Grupo Educacional FAVENI, Caratinga, Minas Gerais, Brasil. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4007618911845583>

Palavras-Chave: Entrevista Narrativa, Conceito de experiência, educação, Universidade das Madres de Plaza de Mayo.

ABSTRACT

This article presents a study on the importance of the narrative interview and the concept of experience to contribute to development and research in education. The example presented in this work was the research on the University of Madres de la Plaza de Mayo as a practice of popular education in contemporary Latin America that used the phenomenological method and the narrative interview as a device for producing and analyzing data. The results of the research showed that, based on the intersection of the experience of the Popular University of Madres with the ideas of Paulo Freire and Enrique Dussel, we can think/act from the perspective of an education and a university that is increasingly committed to humanism and democracy. In this sense, the narrative interview and the concept of experience from Walter Benjamin, Martin Jay, Jorge Larossa Bondía and José Contreras Domingo are fundamental to think about research in education, valuing everything that can be experienced, experienced, lived.

Keywords: Narrative Interview, concept of experience, education, Universidad de las Madres de Plaza de Mayo.

INTRODUÇÃO

Este texto é parte da tese de Doutorado defendida e aprovada em 2020 pelo Programa de educação e Contemporaneidade (PPGEduC) que estuda a Universidade das Madres de la Plaza de Mayo como prática de educação popular na contemporaneidade na América Latina, sob orientação do professor Doutor Luciano Costa Santos.

O artigo apresenta o estudo sobre a importância da entrevista narrativa e do conceito de experiência para contribuir com o desenvolvimento e pesquisas em educação. O exemplo apresentado neste trabalho foi a pesquisa sobre a Universidade das Madres de la Plaza de Mayo como prática de educação popular na contemporaneidade na América Latina que se utilizou do método fenomenológico e da entrevista narrativa como um dispositivo de produção e análise de dados.

Os resultados da pesquisa demonstraram que, a partir do cruzamento da experiência da Universidade Popular das Madres com as ideias de Paulo Freire e Enrique Dussel, podemos pensar/agir na perspectiva de uma educação e de uma universidade cada vez mais comprometida com o humanismo e a democracia. Nesse sentido, a entrevista narrativa e o conceito de experiência a partir de Walter Benjamin, Martin Jay, Jorge Larossa Bondia e José Contreras Domingo são fundamentais para pensar a pesquisa em educação valorizando tudo que pode ser experimentando, experiência, vivido.

Sobre os procedimentos e dispositivos teóricos/práticos da pesquisa, elencamos os momentos da pesquisa bibliográfica e empírica. Do ponto de vista bibliográfico, o trabalho é elaborado a partir da leitura de material já publicado, constituído principalmente de livros, bem como de consultas nos acervos das bibliotecas (públicas, particulares e de universidades), consultas de artigos de periódicos e, atualmente, de material disponibilizado na Internet.

Para a organização das leituras, foi necessário o levantamento do Estado da Arte, catalogando as principais dissertações, teses, artigos e livros que se relacionam com os descritores pesquisados, essenciais para a construção da tese.

A pesquisa em questão se utiliza do método fenomenológico e da entrevista narrativa⁴ como um dispositivo de produção e análise de dados, produzidas a partir das idas à Associação das Madres de Mayo, no mês de janeiro de 2019, em Buenos Aires, para conhecer a associação e o trabalho realizado na Universidade Popular (hoje Instituto Universitário Nacional de Derechos Humanos Madres de Plaza de Mayo).

Com esse esforço metodológico, apresentamos, através dos dados recolhidos por meio dos procedimentos de investigação (entrevistas, observações, análise documental), a experiência da Universidade Popular.

Para fazer frente e responder a essas questões, portanto, foram entrevistados 4 (quatro) sujeitos da pesquisa diretamente envolvidos com a universidade popular, entre eles duas

⁴. Fritz Schütze (nascido em 1944), sociólogo alemão, contribui para o desenvolvimento da Sociologia Interpretativa e estabelece as bases da Fenomenologia Social, que centra sua ação no mundo da vida (Lebenswelt) e valoriza a interpretação das experiências cotidianas. Nos anos 1970, desenvolveu um método de geração e análise de dados narrativos nas ciências sociais, denominado Entrevista Narrativa, que tem como característica a exploração de relatos que o entrevistado narra, sem a interrupção do entrevistador.

integrantes da Associação das Madres de Plaza de Mayo, um egresso e um estudante do atual Instituto Nacional de Direitos Humanos (antiga universidade), que narraram suas experiências.

A ENTREVISTA NARRATIVA

A Entrevista Narrativa se caracteriza por aprofundar aspectos específicos das histórias de vida do entrevistado, o qual remonta, a partir das suas memórias, aos acontecimentos fundamentais de sua história. Para Benjamin (1994, p.205), a narrativa “é uma forma artesanal de comunicação. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele”.

As narrativas revelam um mundo específico (o mundo da pessoa-informante) e, ao mesmo tempo, um mundo histórico e coletivo. Sua implementação no trabalho de pesquisa vai além de uma pauta essencialmente metodológica e técnica.

A discussão sobre narrativas vai, contudo, muito além de seu emprego como método de investigação. A narrativa como uma forma discursiva, narrativas como história, e narrativas como histórias de vida e histórias sociais, foram abordadas por teóricos culturais e literários, linguísticos, filósofos da história, psicólogos e antropólogos. (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2015, p. 90)

A entrevista narrativa possibilita o rompimento com o processo rígido, fechado, típico das entrevistas estruturadas e até, em algumas situações, das entrevistas semiestruturadas. A condução de uma entrevista narrativa permite a revelação de histórias de vida, que, a partir das falas discursivas, se apresentam como objetos de análise.

Nesse sentido:

As narrativas são infinitas em sua variedade, e nós as encontramos em todo lugar. Parece existir em todas as formas de vida humana uma necessidade de contar; contar histórias é uma forma elementar de comunicação humana e, independentemente do desempenho da linguagem estratificada, é uma capacidade universal. Através da narrativa, as pessoas lembram o que aconteceu, colocam a experiência em uma sequência, encontram possíveis explicações para isso, e jogam com a cadeia de acontecimentos que constroem a vida individual e social. Contar histórias implica estados intencionais que aliviam, ou ao menos tornam familiares, acontecimentos e sentimentos que confrontam a vida cotidiana. (Ibidem, p. 91)

A entrevista narrativa, ao valorizar o ato de contar histórias (em forma de relato) como um tipo de discurso importante para expressar eventos relevantes da existência, além de reconstruir uma memória com uma narração consistente, reconstrói a própria experiência humana. Tais experiências relatadas e vividas são essenciais para compreender os contextos em que essas

histórias de vida (biografias) foram desenvolvidas, pois, para Jovchelovitch e Bauer (Ibid., p. 108), “narrativas são uma sucessão de eventos ou episódios que abrangem atores, ações, contextos e espaços temporais. ”

Para Souza e Oliveira (2016, p. 190), a entrevista narrativa possibilita a conexão dos pesquisadores, com a oportunidade de:

contar história dos/nos cotidianos dos sujeitos sociais, no ir e vir que se funda na necessidade de comunicação da vida. No entanto, os eixos ou perguntas utilizadas/estruturadas devem estar de acordo com as especificidades de cada grupo ou sujeito participante/colaborador, articulando-os com o objeto, os objetivos e as questões da pesquisa.

A utilização da Entrevista Narrativa para produzir dados e informações que alicerçam a pesquisa, deve relacionar, de acordo com Jovchelovitch e Bauer (2015), as histórias de vida e os contextos sócio-históricos. Por isso, a investigação sobre a Universidade das Madres de Plaza de Mayo leva em consideração as histórias dessas mães, mulheres, militantes, suas narrativas de vida e, sobretudo, seu contexto pessoal, político, cultural, existencial e a contribuição da luta das Madres para o fortalecimento dos laços humanos na Argentina durante e pós Ditadura Civil-Militar (1976-1983), assim como o impacto do trabalho das Madres para a educação popular no ensino superior.

Numa perspectiva de compreensão da história das Madres de Plaza de Mayo, a partir das narrativas, Souza (2014, p.41) considera que “entrevistar vincula-se a dimensões heurísticas, pois implica colocar-se a ouvir histórias narradas”.

A entrevista oportuniza, assim, disposições que:

abrem muitas possibilidades de sentido, formação, compreensão e marcas biográficas da vida entre entrevistador e entrevistado, frente a partilha de experiências de vida e de percursos biográficos vinculados a projetos de pesquisa ou a práticas de formação. (SOUZA, 2014, p.42)

Essas marcas biográficas, e a possibilidade de partilha de experiências, comprometem entrevistador e entrevistado, e essa relação ética permite que o processo narrativo das entrevistas e todo registro textualizado seja devidamente autorizado pelos entrevistados, pois tudo que é gravado e anotado tem que ter a devida aprovação do narrador. É fundamental ter esse compromisso ético com o desenvolvimento da pesquisa científica.

Sobre a relação entre Fenomenologia e Entrevista Narrativa, Weller e Zardo (2013, p.133) afirmam que:

a fenomenologia social de Alfred Schütz representa um importante aporte para o estudo de narrativas, na medida em que instiga o pesquisador a desvelar o sentido que o ator atribui ao seu próprio ato. Este tipo de interpretação mantém relação intrínseca com a subjetividade do ser humano e corresponde a elementos de sua situação biográfica, de seu contexto de vida.

O estudo das narrativas em perspectiva fenomenológica, tem a capacidade de provocar o desvelamento da subjetividade, suscitando a atribuição de sentidos que contemplam o contexto social do narrador, pois, para Dutra (2002), o narrador não “informa” sobre a sua experiência, mas conta sobre ela”, faz-nos participar da sua história e, ao mesmo tempo, reconstruir os sentidos dessa própria história.

A narrativa, de acordo com Dutra (Ibid., p. 374), se legitima como “expressão de uma dimensão fenomenológica e existencial”, pois sugere uma relação de intersubjetividade que se abre para os valores, afetos, transcendendo o esquema mundo-personagem em que as pessoas estão inseridas. A narrativa ou melhor dizendo, a pesquisa narrativa se compreende numa intencionalidade que se compromete com interpretação dos relatos humanos que estão além de qualquer orientação quantificável ou fechada de pesquisa.

A narrativa, sendo pensada como dispositivo de produção de dados/*corpus* para o método fenomenológico, nos direciona para a experiência que será um conceito de grande importância para pensar a relação Fenomenologia e Entrevista Narrativa. A narração é uma experiência humana que se consolida através do relato, da lembrança que reconstrói um passado, uma particularidade.

Segundo Contreras (2016) os “relatos de experiência” indica uma maneira especial de ver, elaborar e expressar a experiência como narração, mas (também) percebendo a intenção narrativa como proposta de pesquisa, pois:

no pretende tan sólo contar relatos sobre lo vivido, sino que quiere hacer, del relatar, una experiencia, esto es, un modo de dar forma a lo vivido para prestarle atención a las cuestiones que, a través del narrar, se nos desvelan como aquellas que requieren detenimiento, desarrollo, exploración, investigación; no sólo para comprender algo de ellas, sino para que nos afecten de un modo existencial. (CONTRERAS,2016, p.16)⁵

⁵ . Não se destina apenas a contar histórias sobre o que foi vivido, mas quer fazer, contar, uma experiência, isto é, uma maneira de moldando a experiência para prestar atenção as questões que, através da narração, somos desvendar como aqueles que requerem atenção, desenvolvimento, exploração, pesquisa; não apenas para entender algo sobre eles, mas para que eles nos afetem de maneira existencial. (CONTRERAS, 2016, p,16)

Para Benjamin (1994), as narrativas focalizam as experiências humanas, pois contando histórias, lembramo-nos dessas experiências e encontramos um sentido para esses relatos. 1994). A experiência é o conceito que abordaremos a seguir.

O CONCEITO DE EXPERIÊNCIA

Tendo como aporte metodológico a fenomenologia e a entrevista narrativa para a compreensão da realidade pesquisada, faz-se necessário a discussão do conceito de experiência, pois não se compreende fenomenológica e narrativamente sem considerar a necessária relevância da experiência das pessoas.

El estudio de la experiencia y sus múltiples sentidos trae aparejada la posibilidad de romper con dicotomías, como teoría/práctica o sujeto/objeto, quizá las más relevantes tanto en el campo educativo como en otros de carácter social. También va más allá de la concepción de conocimiento como el producto de la investigación (REYES, 2014, p.886)⁶

O termo “experiência”, de acordo com os estudos de Jay (2009), tem na sua etimologia uma história extensa e, ao mesmo tempo, complexa, marcada por transformações. Na sua obra “Cantos de experiencia. Variaciones modernas sobre un tema universal”, o autor discute o conceito de experiência, desde Montaigne a Benjamin, de Bacon a Foucault, buscando apresentar as concepções mais influentes sobre um termo enraizado nas mais diversas culturas, com significados diversos e opostos.

Para Jay (Ibid., p.26), o termo “experiência” tem origem latina e nos remete às ideias de “juízo, prova ou experimento”, mas também indica outra ideia, de “saída de um perigo”. A palavra inglesa “*empirical*” tem como antecedentes o grego e o latim “*empeiria*”, que denota “observação empírica” oposta à teoria, razão, especulação.

Jay (Ibid., p. 27) aponta que é importante termos atenção especial para os termos *Erlebnis* e *Erfahrung*, equivalentes de “experiência” em alemão. A palavra “*Erlebnis*” contém, na sua raiz,

⁶ . O estudo da experiência e seus múltiplos sentidos traz a possibilidade romper com dicotomias, como teoria / prática ou sujeito / objeto, talvez o mais relevante, tanto no campo educacional quanto em outros de caráter social, também vai além da concepção de conhecimento como o produto da investigação. (REYES, p.886,2014)

o termo “*Leben*” (vida), e pode ser traduzida como “experiência vivida” ou “vivência”, ou seja; uma experiência pessoal, imediata e pré-reflexiva.

Em sentido contrário, a palavra “*Erfahrung*”, segundo Jay (Ibid., p.27), “se associa a vezes con las impresiones sensoriales producidas por el mundo exterior, o con juicios cognitivos acerca de ellas”⁷. *Erfahrung* aponta, ainda, para a experiência baseada em um processo de aprendizagem no qual diferentes momentos são integrados em um todo narrativo ou significativo; para Jay (Ibid., p.27): “la experiencia acumulativa es capaz de producir un tipo de sabiduría que solamente se alcanza al final del viaje”⁸. Quanto mais tempo de vida, mais experiência.

Jorge Larrosa Bondía (2002), em seu interessante texto intitulado “Notas sobre a experiência e o saber da experiência”, afirma que é costumeiro se relacionar educação a ciência e a técnica, outras vezes a teoria e prática, e que a relação entre educação e ciência produz sujeitos técnicos, com base numa “perspectiva positivista”. Ao mesmo tempo, para Larrosa (2002, p. 20), como a par teoria/prática remete sobretudo a uma perspectiva política e crítica”, essa relação contribui para uma educação política.

Larrosa (2002) vai além desse debate entre ciência e técnica, lógica positivista ou teoria/prática e pensamento crítico, e propõe a educação como experiência:

O que vou lhes propor aqui é que exploremos juntos outra possibilidade, digamos que mais existencial (sem ser existencialista) e mais estética (sem ser esteticista), a saber, pensar a educação a partir da par experiência/sentido. (Ibidem, p. 20)

A partir dessa proposição, Larrosa (2002) apresenta o significado das palavras “experiência” e “sentido” em seus distintos contextos. Por acreditar no poder das palavras, afirma que este é tão grande que determina nosso pensar, pois, segundo ele, pensamos com palavras e não com pensamentos.

Com base nisso, Larrosa (Ibid., p.21) argumenta que o papel do pensar:

Não é somente “raciocinar” ou “calcular” ou “argumentar”, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece. E isto, o sentido ou o sem-sentido, é algo que tem a ver com as palavras.

⁷. “Às vezes é associada às impressões sensoriais produzidas pelo mundo exterior ou a julgamentos cognitivos sobre elas.” (JAY, 2009, p.27)

⁸. “Experiência acumulada é capaz de produzir um tipo de sabedoria que só é alcançada no final da jornada.” (Ibid.)

Nós, seres humanos, aprendemos a utilizar a palavra como linguagem, como possibilidade de comunicação entre pessoas. Na medida em que usamos a palavra e damos sentido ao que é e ao que nos acontece, somos seres que vivem e existem com a palavra.

De acordo com Larrosa (2002), a palavra “experiência”, do ponto de vista etimológico, significa aquilo que nos “passa” (em espanhol) e o que nos “acontece” (em português); mas, para o autor, “experiência” não pode ser apenas isso, pois “a cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece.” (p.21).

Larrosa (2002) elenca, então, quatro questões para demonstrar que, atualmente, a experiência é cada vez mais difícil, havendo uma crescente pobreza de experiência.

A primeira questão é o excesso de informação. Para o autor, informação não é experiência. Informação acaba se constituindo como um fator que impossibilita a realização da própria experiência, por isso é preciso rigorosamente distingui-las.

E mais, a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma antiexperiência. Por isso a ênfase contemporânea na informação, em estar informados, e toda a retórica destinada a constituir-nos como sujeitos informantes e informados; a informação não faz outra coisa que cancelar nossas possibilidades de experiência. O sujeito da informação sabe muitas coisas, passa seu tempo buscando informação, o que mais o preocupa é não ter bastante informação; cada vez sabe mais, cada vez está melhor informado, porém, com essa obsessão pela informação e pelo saber (mas saber não no sentido de “sabedoria”, mas no sentido de “estar informado”), o que consegue é que nada lhe aconteça. (Ibidem., p.21-22)

A segunda questão que impossibilita a experiência é a opinião. É preciso ter “aquela velha opinião formada sobre tudo”, como questiona Raul Seixas (1973) em “Metamorfose Ambulante”. A ostensiva exigência de exibir uma opinião pessoal e crítica a respeito de tudo, transformou-se num problema, pois, para Larrosa (2002), quando não se tem opinião sobre algo, a pessoa precisa criar uma. Ter opinião é essencial num mundo de muitas informações. O excesso de opinião proporciona o afastamento da experiência.

A terceira questão que prejudica a experiência é a falta de tempo. Obcecado por novidades, o sujeito se estimula por coisas efêmeras, numa espécie de “tudo ao mesmo tempo agora”⁹ e, como tudo é muito rápido e não podemos parar, essas efemeridades não se inscrevem na memória por falta de tempo. A experiência não acontece e adquire um formato de mercadoria, ou seja, na atual sociedade, tempo é mercadoria.

⁹. Sexto álbum da banda brasileira de rock Titãs, lançado em 1991.

Esse sujeito da formação permanente e acelerada, da constante atualização, da reciclagem sem fim, é um sujeito que usa o tempo como um valor ou como uma mercadoria, um sujeito que não pode perder tempo, que tem sempre de aproveitar o tempo, que não pode protelar qualquer coisa, que tem de seguir o passo veloz do que se passa, que não pode ficar para trás, por isso mesmo, por essa obsessão por seguir o curso acelerado do tempo, este sujeito já não tem tempo. E na escola o currículo se organiza em pacotes cada vez mais numerosos e cada vez mais curtos. Com isso, também em educação estamos sempre acelerados e nada nos acontece. (Ibidem, p.23)

Sem tempo ou sem experimentar o tempo, segundo Larrosa (2002), o sujeito não aprende, não conhece e nada acontece. O tempo atual é sem experiência, pois a vivência, nesse contexto efêmero, é instantânea, pontual, fragmentada e sem memória.

A quarta questão que se posiciona de forma contrária à experiência, é o excesso de trabalho. De acordo com Larrosa, é preciso distinguir experiência e trabalho:

Por isso estou muito interessado em distinguir entre experiência e trabalho e, além disso, em criticar qualquer contagem de créditos para a experiência, qualquer conversão da experiência em créditos, em mercadoria, em valor de troca. Minha tese não é somente porque a experiência não tem nada a ver com o trabalho, mas, ainda mais fortemente, que o trabalho, essa modalidade de relação com as pessoas, com as palavras e com as coisas que chamamos trabalho, é também inimiga mortal da experiência. (Ibidem, p.23)

O sujeito está sempre desejando fazer algo, desenvolvendo atividade, na correria das atualizações, acreditando que pode conformar o mundo a partir da sua vontade e de seu poder. Mas, a experiência sugere parar, pensar, olhar, sentir, ouvir. Em suma, é preciso desacelerar para dar espaço e tempo à experiência.

Para Larrosa (Ibid., p.24), o sujeito da experiência, que “não é o sujeito da informação, da opinião, do trabalho, que não é o sujeito do saber, do julgar, do fazer, do poder, do querer”, é “como uma superfície sensível” que produz afetos e efeitos, deixa marcas. “O sujeito da experiência é um espaço onde têm lugar os acontecimentos.” Este sujeito da experiência, “de uma passividade feita de paixão”, é composto de paciência, marcado pela receptividade e por uma “abertura essencial”. O sujeito da experiência é exposição.

Larrosa (Ibid., p.25), ao apresentar a origem da palavra “experiência”, que vem do latim *experiri*, “provar” (“experimentar”), nos revela o radical *periri*, que se encontra também em *periculum*, “perigo”. Assim como Jay (2009), que nos mostra a relação entre experiência e perigo, o autor dimensiona o termo experiência a partir da ideia de travessia e perigo.

Larrosa (2002) descreve o saber da experiência como um saber que se dá na relação entre conhecimento e vida humana, não pensando esses termos numa perspectiva moderna, ou seja, conhecimento como mercadoria e vida como satisfação das necessidades.

Por isso, o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal. Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência. O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida. O saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna. (Ibidem, p.27)

Essa relação entre conhecimento e vida, para Larrosa (2002), se projeta na dimensão singular, no conhecimento que a pessoa adquire com suas experiências, a partir das suas necessidades. Por isso, o saber da experiência, por ser particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal, não é neutro. A experiência não é experimento ou método objetivo, nem mesmo um caminho previsível, mas abertura, possibilidade.

José Contreras Domingo, professor do Departamento de Educação da Universidade de Barcelona, que trabalha a noção de saber da experiência, afirma que o termo “experiência”, geralmente, se refere a tudo que é experimentado na prática; e a expressão “conhecimento da experiência” significa acúmulo de conhecimentos práticos, formas de saber o que fazer em situações específicas. (CONTRERAS, 2013, p. 129)

No entanto, ao propor o uso dessas noções, segundo Contreras (2013), pretende-se ir além dessa significação, transcender esse sentido que está vinculado à polaridade teoria-prática. É preciso, portanto, ampliar o sentido do termo experiência, abrindo possibilidades para outros significados, distintos daqueles nos quais habitualmente utilizamos essas noções.

Si entendemos la experiencia como el acontecimiento novedoso que requiere ser pensado para preguntarse por su sentido; si la entendemos como aquello que nos ocurre, que nos deja huella, que tiene un efecto personal; si la entendemos como aquello que hay bajo lo vivido, de tal manera que ha ido labrando una forma de ser y estar ante las situaciones, una consciencia de lo significativo de aquello vivido; si entendemos la experiencia bajo estas formas, esto es como algo que en ocasiones se tiene, pero también como algo que se hace, es decir, que requiere una cierta disposición de ánimo para preguntarse y pensar aquello vivido, podemos captar algo de la naturaleza de un modo no indiferente de estar en el mundo y de vivir; un modo que no simplemente deja que las cosas pasen, sino que está unido al modo de pensarse ante aquello que nos pasa. (CONTRERAS, 2013, p. 129).¹⁰

¹⁰. “Se entendemos a experiência como um acontecimento novo que precisa ser pensado para se perguntar sobre seu significado; Se nós entendê-lo como o que acontece conosco, que nos deixa pegada, que tem um efeito pessoal; Se entendê-lo como o que está o vivido, de tal forma que tem sido cultivando um modo de ser e estar diante das situações, uma consciência da coisa significativa do que viveu; Se entendemos a experiência nessas formas, isso é como algo

Entender a experiência numa perspectiva aberta a outros modos de pensamento, fortalece o entendimento do que é vivido, do que acontece conosco. Segundo Contreras (2013), o conhecimento da experiência é dialético, pois é um conhecimento do vivido e, ao mesmo tempo, acaba fornecendo orientação para a ação, por ser um conhecimento que nasce e se renova. O saber da experiência, como conhecimento pedagógico (CONTRERAS, 2013) ou como alicerce da pesquisa, demonstra qualidades substanciais para a produção dos saberes.

Contreras (2013) afirma que o saber da experiência é, também, um conhecimento que não só pergunta sobre o outro, mas reflete sobre si mesmo em relação a esse outro, pois é um conhecimento que compreende dimensões subjetivas, pessoais, com as próprias histórias que nos constituem como sujeitos e de onde vivemos, pensamos, agimos.

O saber da experiência, então, se refere à relação do pensamento com o mistério do outro, e aceita a surpresa do outro. Conhecimento e saber da experiência como perspectiva de alteridade, de encontro com outros mundos, outras sensibilidades.

La experiencia siempre está ligada al saber (al saber de la experiencia, aquel que se introduce en el desarrollo de las cosas para significarlo, o para problematizarlo, o para iluminarlo), de la misma manera que la sabiduría, como nos anunciaba María Zambrano, está vinculada al vivir. (CONTRERAS,2013, p.05)¹¹

A experiência se vincula ao saber e, também, ao viver. Nessa percepção, o viver é vivido de uma forma em que a memória seja relatora, narradora dessa vivência, tornando a existência uma experiência genuína. Nesse sentido, a experiência, em Walter Benjamin¹², é genuína por excelência, pois é vivência que, através do relato, da narração, se transforma em saber ou sabedoria a ser partilhada, passada de geração em geração. Então, a narrativa é parte integrante fundamental desse processo. (REBUÁ, 2015)

que às vezes tem, mas também como algo que é feito, ou seja, que requer uma certa disposição da mente para perguntar e pensar sobre aquilo que é vivido, podemos capturar algo da natureza de uma forma não Indiferente ao estar no mundo e viver; uma maneira que não deixa apenas as coisas acontecerem, mas está ligada à forma como pensamos sobre o que acontece conosco.” (CONTRERAS, 2013, p. 129).

¹¹. A experiência está sempre ligada ao conhecimento (ao conhecimento da experiência, aquele que entra no desenvolvimento das coisas para significá-la, ou problematizá-la ou iluminá-la), da mesma maneira que a sabedoria, como María Zambrano anunciou: Está ligado à vida. (CONTRERAS, 2013, p.05).

¹² . Walter Benjamin (1892 — 1940) alemão, crítico literário, tradutor, filósofo que integra a Escola de Frankfurt, entres suas obras conhecidas, temos: A Obra de Arte na Era da Sua Reprodutibilidade Técnica (1936), Teses Sobre o Conceito de História (1940). Os textos importantes para esse trabalho abordam o conceito de experiência, discutidos em Experiência e pobreza (1933) e O contador de histórias (1936).

Na fábula de Esopo¹³ “O Velho Vinhateiro”, apresentada por Benjamin, o conceito de experiência se produz a partir de um exemplo, de uma espécie de lição para que os filhos encontrem o verdadeiro tesouro, no trabalho:

Em nossos livros de leitura havia a parábola de um velho que no momento da morte revela a seus filhos a existência de um tesouro enterrado em seus vinhedos. Os filhos cavam, mas não descobrem qualquer vestígio do tesouro. Com a chegada do outono, as vinhas produzem mais que qualquer outra na região. Só então compreenderam que o pai lhes havia transmitido uma certa experiência: a felicidade não está no ouro, mas no trabalho. (BENJAMIN, 1994, p.114)

A fábula narrada expressa a sabedoria contida na experiência de que a felicidade não está no ouro, mas no trabalho, pois este se traduz em práticas e ações diárias que constroem a nossa identidade, nosso ser, nosso existir. Com efeito, somos reconhecidos e identificados pelo que fazemos na sociedade, e o trabalho e seus frutos contribuem para isso. O trabalho, então, faz daquilo que é vivenciado diariamente, uma experiência.

A experiência do trabalho do pai, que é passada para os filhos através do relato, torna-se uma espécie de legado que será transmitido para outras gerações. Sendo assim, a vivência do pai é passageira, temporal, enquanto a experiência, por essa característica de transmissão histórica entre gerações, ganha um caráter atemporal.

Essa narrativa nos remete à perspectiva mítica, em consonância com o exemplo do texto de “Experiência e Pobreza”:

Sabia-se exatamente o significado da experiência: ela sempre fora comunicada aos jovens. De forma concisa, com a autoridade da idade, nos provérbios; em termos mais prolixos e com maior loquacidade, nos contos; por vezes através de histórias de países distantes, à lareira, para filhos e netos. (IBIDEM, p. 114)

Essa dimensão mítica, própria da fábula, promove uma reflexão moral sobre o trabalho. De fato, uma das grandes características da narrativa mítica é o aspecto moralizante das suas histórias. No caso da narrativa em foco, foi procurando o tesouro (ouro) que os filhos do velho vinhateiro encontraram trabalho e perceberam, com a experiência, a importância do trabalho digno, sendo tal “dignidade” a nota moral do relato.

¹³ . Esopo (séc. VI a.C) foi um fabulista grego, que teria vivido na época da idade antiga. Nasceu provavelmente na região de Trácia, onde hoje se localiza a Turquia. A Esopo foi atribuída a criação do gênero fábula.

Outra importante questão, apontada por Carlos Eduardo Rebuá (2019)¹⁴, é que a narrativa como herança dos vivos proporciona um sentido de continuidade, pois os que ficam podem dividir essa experiência com outras pessoas, e vão dando sentido à vida.

Penso que aqui vale uma aproximação com a questão geracional das Madres. Há um sentido de continuidade em nuestros hijos nos parieron. A narrativa desempenha um papel de herança dos vivos, assim como de experiência dividida, na figura dos que narram e dos que "continuam" este movimento de contar. (REBUÁ,2019)

Essa observação articula de modo preciso a questão da experiência com a história das Madres de Plaza de Mayo, daí a necessidade de citá-la no trabalho.

Benjamin (1994, p.115) alerta para o fato de que a vida na sociedade moderna, dominada pela técnica e avanço crescente da industrialização e produção em massa no século XX, é pobre de experiência: “Uma nova forma de miséria surgiu com esse monstruoso desenvolvimento da técnica, sobrepondo-se ao homem”.

Essa denúncia aponta um futuro de “progresso” científico e dominação da natureza, e nos mostra outro perigo: o de que a humanidade, envaidecida pela técnica, seja tragada por um troy de guerras e conflitos, a ponto de, para Benjamin (1994), paralisar-se numa experiência de choque, na qual os sujeitos envolvidos perderiam a capacidade de narrar os eventos ocorridos:

numa geração que entre,1914 e 1918 viveu uma das mais terríveis experiências da história. Talvez isso não seja tão estranho como parece. Na época, já se podia notar que os combatentes tinham voltado, silenciosos do campo de batalha. Mais pobres em experiências comunicáveis, e não mais ricos. (IBIDEM, p.115)

As guerras mundiais da primeira metade do século XX, atentam contra a experiência, pois os fatos ocorridos, as lembranças, já não são dignos de relatos, mas de esquecimento, e matam a memória. É triste que esse futuro, anunciador do avanço, tenha dado lugar ao caos, à morte, a lembranças intocadas, que não podem ser relatadas.

Entramos no século XX comprometendo a realização da experiência. Isso irá trazer sérios problemas para a humanidade, entres os quais a perda da memória, o não reconhecimento e desvinculação com o passado. No Brasil do século XXI, isso é sintomático, pois se admite atualmente, em muitos círculos familiares, religiosos, educacionais, a ideia de que não houve Ditadura Militar no país entre 1964-1985, ou que, se esse processo existiu, foi uma ditadura

¹⁴ Em recente entrevista através de e-mail.

“branda”, leve. Precisamos, neste momento, de bons contadores de histórias, de bons narradores, sob pena de se continuar arruinando qualquer possibilidade de experiência.

No texto “O Narrador”, Benjamin (1994) toma como base a obra do escritor russo Nikolai Leskov (1831-1895) para explicar a natureza da arte narrativa, e discutir o processo de desaparecimento/extinção do “sujeito” narrador, pois:

São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. Quando se pede num grupo que alguém narre alguma coisa, o embaraço se generaliza. É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável! a faculdade de intercambiar experiências. (BENJAMIN, 1994, p.197-198)

Segundo Rebuá (2015, p. 318), esse processo de intercâmbio da experiência na contemporaneidade é tão difícil e fragilizado, pois “as condições para esta transmissão estão cada vez mais escassas na sociedade capitalista de nossa época”. Esse ideal de progresso e domínio de tudo ou quase tudo pelo uso racionalizante da ciência e da técnica, sempre a serviço do capital, compromete a transmissão fiel e verdadeira da experiência.

Benjamin (1994) defende que as melhores narrativas escritas, e que não se distinguem tanto da realidade, são aquelas histórias orais que os narradores anônimos nos contam. Em seu texto, os narradores são divididos em dois grupos: o dos camponeses sedentários, que ficam morada em seu país; e os narradores marinheiros, que são comerciantes e contam suas aventuras. Houve uma associação/interpenetração entre esses saberes, o saber do trabalhador da terra e o saber dos viajantes, dos lugares distantes: “Na realidade, esses dois estilos de vida produziram de certo modo suas respectivas famílias de narradores. Cada uma delas conservou, no decorrer dos séculos, suas características próprias.” (BENJAMIN, 1994, p.199).

Um aspecto preocupante para nosso autor, no texto “O Narrador”, é sobre a crise do conceito de sabedoria, que corre um sério risco de desaparecimento, pois a “arte de narrar”, trabalho do narrador, está ameaçada porque a sabedoria define e pode se extinguir. O primeiro sinal desse processo que mataria a narrativa, comprometendo a sabedoria, seria o surgimento do romance na era moderna. Para Benjamin (1994), o romance está ligado ao livro e diretamente vinculado ao surgimento da imprensa e da produção em massa dos exemplares; isso inviabiliza a narrativa, a oralidade, pois a leitura, na maioria das vezes, é uma atividade solitária e não coletiva, como no caso da narrativa.

A evolução da informação é outra grande ameaça para a narrativa, pois provoca uma crise no próprio romance: “Se a arte da narrativa é hoje rara, a difusão da informação é decisivamente responsável por esse declínio. ” (BENJAMIN, 1994, p.203). A informação trabalha com o imediatismo dos fatos, que chegam explicados, mastigados e não promovem o pensar, o imaginar, a livre capacidade de fazer sua interpretação, que é aberta; a informação depende do agora, da notícia nova, do tempo cronometrado e factual. Em contrapartida, o tempo da narrativa é tempo do extraordinário e do miraculoso.

A queda na cotação da narrativa não foi para Benjamin algo abrupto, tampouco “isolado”, ou seja, sem o florescimento de outras formas de comunicação que concorreram, desigual e combinadamente (na epopeia, por exemplo, onde não há uma indiferenciação entre narrativa e romance), com a narrativa, tendo destaque para o romance – filho da Idade Moderna - e a informação – filha da Idade Contemporânea -, formas de comunicação que, diferentemente da narrativa, não têm na experiência sua fonte fundamental. (REBUÁ, 2015, p.321)

Walter Benjamin (1994), em “O Narrador”, aponta o processo de extinção da narrativa, e isso compromete a experiência. O mundo da “indústria cultural”¹⁵ é bem observado por Theodor Adorno (1903-1969)¹⁶ e Max Horkheimer (1895-1973)¹⁷, que realizaram, à semelhança do próprio Benjamin, uma crítica ferrenha à imposição cultural e ao sistema capitalista, tendo como base o marxismo, sem transformá-lo em doutrina. Tais pensadores pertencem à mesma matriz epistemológica da Escola de Frankfurt, fundada em 1924 na Universidade de Frankfurt, Alemanha. Esses teóricos e outros, do porte de Jürgen Habermas (1929), Herbert Marcuse (1898-1979) e Erich Fromm (1900-1980), desenvolveram estudos dentro de uma perspectiva de orientação marxista, que ficou conhecida como Teoria Crítica, contrapondo-se à Teoria Tradicional e à razão instrumental.

Esse mundo instantâneo, imediatista, que transforma tudo em consumo, criticado pelos teóricos da Escola de Frankfurt, não deixa espaço para o narrador, que

¹⁵. O termo “indústria cultural” foi utilizado por Adorno, e Horkheimer, na obra Dialética do esclarecimento em 1947, em Amsterdã. A indústria cultural se refere ao processo em série de produtos iguais e que se associa ao termo cultura, pois os bens “culturais” são fabricados em meio ao sistema e disseminados para as massas a fim de uma estandardização social.

¹⁶. Theodor Adorno foi considerado um importante sociólogo, filósofo e musicólogo por desenvolver grandes pensamentos acerca da razão e de sua busca incessante pela superação do status quo na tentativa de alcançar a emancipação dos indivíduos. É um dos expoentes da chamada Escola de Frankfurt.

¹⁷. Horkheimer foi um filósofo e sociólogo alemão, famoso por seu trabalho em teoria crítica como membro da "Escola de Frankfurt" de pesquisa social.

figura entre os mestres e os sábios. Ele sabe dar conselhos não para alguns casos como o provérbio, mas para muitos casos, como o sábio. Pois pode recorrer ao acervo de toda uma vida (uma vida que não inclui apenas a própria experiência, mas em grande parte a experiência alheia. O narrador assimila à sua substância mais íntima aquilo que sabe por ouvir dizer). Seu dom é poder contar sua vida; sua dignidade é contá-la inteira. (BENJAMIN, 1994, p.221)

É preciso que o ouvinte se apodere da narrativa para que o mesmo possa reproduzi-la. Nesse sentido, a memória é fundamental, a mais épica de todas as faculdades, a musa do gênero épico entre os gregos, que cria a possibilidade de transmissão da narrativa de uma geração para outra e, portanto, liga-se intrinsecamente à experiência:

Em Benjamin memória e experiência estão intimamente vinculados, porque mantém entre si uma relação de interdependência: só é possível reviver, restabelecer experiências passadas através da memória (fixando-as, retendo-as, reconhecendo-as, evocando-as), que só se “fixa” através da experiência, no sentido da Erfahrung e não da Erlebnis – sem vínculos com o passado, efêmera, desconexa, isolada –, tônica do cotidiano que vivenciamos. Um mundo sem experiências partilháveis, fragmentado, “mudo”, norteado pela efemeridade do instantâneo, não precisa da memória, pois não há o que ser revivido. Se parece a experiência parece também a memória e, por conseguinte, a tradição. (REBUÁ, 2015, p.324)

A narrativa precisa sobreviver para que possamos ter contato com a experiência, para que possamos ter memória, vínculos necessários com o passado e compromissos com o presente e com o futuro. Em tempos de desenvolvimento crescente da informação e das tecnologias, as pessoas estão cada vez menos propensas ao diálogo entre si e com seus pares. A não construção de oportunidades de diálogos que potencializem a narrativa, fomenta sujeitos contemporâneos solitários e, sobretudo, carentes de experiência e de vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A entrevista narrativa é a possibilidade de romper com os processos rígidos, fechados que é muito comum nas dinâmicas de entrevistas estruturadas e também, em muitos contextos de entrevistas semiestruturadas. A importância da entrevista narrativa para revelar histórias de vida, a partir das suas experiências que se manifestam através das falas discursivas e se constituem como

objetos de análise é fundamental para pensar a pesquisa centrada na ética e respeito às vivências do outro. A entrevista narrativa é o relato do mundo da vida.

Pensar a experiência nessas quatro dimensões, a partir dos pensamentos de Martin Jay (2009), Jorge Larossa Bondía (2002) José Contreras Domingos (2013) e Walter Benjamin (1994), contribui significativamente para conhecer o campo de pesquisa numa condição responsável, respeitável, aberta para o saber do outro e refletindo sobre a nossa condição de “conhecente”, ou seja; aquele que conhece, e que conhece, sobretudo, através da experiência.

A entrevista narrativa e o conceito experiência como foi tratado nessa pesquisa, contribui, sobremaneira, para nos aproximarmos do real como ele é, e não como ele pode ser.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. **Experiência e Pobreza**. In: Magia e técnica, arte e política. 7. ed. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet; prefácio: Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Rev. Bras. Educ., Abr 2002, no.19, p.20-28.

CONTRERAS DOMINGOS, José. **El saber de la experiencia en la formación inicial del profesorado**. Revista Interuniversitaria de Formación del Profesorado, 78 (27,3) (2013), 125-136. Disponível em: <file:///C:/Users/FAMILIA/Downloads/Dialnet-ElSaberDeLaExperienciaEnLaFormacionInicialDelProfe-4688508.pdf>, Acesso: 28-11-2018.

_____. **Experiencia, escritura y deliberación: explorando caminos de libertad en la formación didáctica del profesorado**. Inter-Ação, Goiânia, v. 38, n. 1, p. 1-35, jan./abr. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/ia.v38i1.25126>, Acesso: 30-11-2018.

DARTIGUES, André. **O Que é Fenomenologia?** São Paulo: Centauro,2008.

DUTRA, Euza. **A narrativa como uma técnica de pesquisa fenomenológica**. Revista Estudos Psicológicos. vol.7 no.2 Natal, July/Dec. 2002, p. 371-378 Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v7n2/a18v07n2.pdf>, acesso em: 10-08-2018.

HUSSERL, E. **A Crise da Humanidade Europeia e a Filosofia**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
_____. **Ideias para uma Fenomenologia Pura e para uma Filosofia Fenomenológica, introdução geral à fenomenologia pura**. Aparecida, SP: Ideias e Letras, 2006. Tradução de Márcio Suzuki.

JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. W. **Entrevista narrativa.** In: BAUER, M. W. GASKELL, G. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Tradução: Pedrinho Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

JAY, Martin. **Cantos de experiência:** Variaciones modernas sobre un tema universal, Buenos Aires: Paidós, 2009.

LIMA, Antônio Balbino Marçal. **O Que é Fenomenologia?** In: LIMA, Antônio Balbino Marçal (Org.). Ensaio Sobre Fenomenologia: Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty. Ilhéus, Ba, Editus, 2014, p. 9-14.

MENDES JÚNIOR, Jaime Nogueira e FERREIRA, Marcos César. **Análise Compreensiva:** Conceito e Método. GEOGRAFIA, Rio Claro, v. 35, n. 1, p. 21-35, jan./abr. 2010.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção.** 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social.** Teoria, método e criatividade. 21 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MISSAGGIA, J. **A Noção Husserliana de Mundo da Vida (Lebenswelt):** Em Defesa de Sua Unidade e Coerência. Trans/Form/Ação vol.41 no.1 Marília jan./mar. 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/trans/v41n1/0101-3173-trans-41-01-0191.pdf>. Acesso em: 08 de julho de 2018.

PESCE, Lucila e ABREU, Claudia Barcelos de Moura. **Pesquisa Qualitativa:** Considerações Sobre as Bases Filosóficas e os Princípios Norteadores. Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 22, n. 40, p. 205-213, jul./dez. 2013.

REBUÁ, Eduardo. **DA PRACA AO SOLO: UM NOVO CHAO PARA A UNIVERSIDADE** As experiências das universidades populares de Madres de Plaza de Mayo [UPMPM] e Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra [ENFF] em tempos de crise neoliberal na América Latina [2000-2010]. Tese Doutorado, Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós-Graduação em Educação [PPGE], Niterói, RJ, 2015.

_____. **MÃES DA PRAÇA E FILHOS DA TERRA:** As Universidades Populares de Madres de Plaza de Mayo e o MST na Década de Crise do Neoliberalismo na América latina. Anais do Colóquio Internacional Marx e o Marxismo 2015: Insurreições, passado e presente, Organização: Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas sobre Marx e o Marxismo (NIEP-Marx), Niterói (RJ), agosto de 2015.

_____. **Sociedade Civil e Sociedade Política na América Latina do Século XXI.** Experiências de resistência ao ciclo neoliberal: pedagogia do campo e pedagogia da memória na práxis transformadora de MST e Madres de Plaza de Mayo. Anais do XI Encontro Internacional da ANPHLAC 2014 – Niterói – Rio de Janeiro.

REYES, Blanca Flor Trujillo. **Experiencia y Educación:** Una relectura de temas clásicos. Reseña temática, Contreras D., José y Nuria Pérez de Lara (comps.) (2010). Investigar la experiencia educativa, Madrid: Morata. Consejo Mexicano de Investigación Educativa, RMIE, 2014, VOL. 19, NÚM. 62, PP. 885-892.

SADALA, M.L.A. **A fenomenologia como método para investigar a experiência vivida:** uma perspectiva do pensamento de Husserl e de Merleau-Ponty. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PESQUISA E ESTUDOS QUALITATIVOS, 2., 2004, Bauru. Anais... Bauru: Universidade do Sagrado Coração de Jesus e Sociedade de Estudos e Pesquisa Qualitativa, 2004. 1 cd-rom.

SOKOLOWSKI, Robert. **Introdução à Fenomenologia.** São Paulo: Loyola. 2004.

SOUZA, Elizeu Clementino de; OLIVEIRA, Rita de Cássia Magalhães de. **Pesquisa (auto)biográfica, cultura e cotidiano escolar:** diálogos teórico-metodológicos. Revista Interinstitucional Artes de Educar. Rio de Janeiro, V. 2 N. Especial – pag 182-203 (jun - out 2016).

WEBER, M. A **“Objetividade” do Conhecimento nas Ciências Sociais.** In: COHN, G. (Org.) **Weber.** São Paulo: Ática, 2005. p. 79-127

WELLER, Wivian e ZARDO, Sinara Pollom. **Entrevista narrativa com especialistas:** aportes metodológicos e exemplificação. Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 22, n. 40, p. 131-143, jul./dez. 2013.